

A guerra de Tróia, episódio central da *Iliada*, um dos textos fundadores da literatura ocidental, gera, em seu final, duas viagens míticas importantes, duas odisséias, se podemos dizê-lo, protagonizadas, uma, por um vencedor do combate, Ulisses, que deverá buscar de volta sua Ítaca natal. Em seu retorno, Ulisses leva, junto a si, a saudade dos seus, a quem não vê há uma dezena de anos.

O outro périplo é o de Eneias, um derrotado na sagrada Ílion, o qual empreenderá um percurso rumo a uma cidade, cidade que nascerá de sua força e da predestinação herdada dos deuses. Eneias atravessa as portas de Troia, conduzindo nos ombros Anquises, seu pai, alquebrado pela velhice, enquanto próximo ao guerreiro vem aninhar-se seu filho pequeno, Ascânio, num gesto que demanda proteção. Esse episódio – a fusão das três idades da vida – retratado, inicialmente, por Homero e Virgílio foi traduzido plasticamente por muitos artistas como Rafael e também por Bernini, em seu célebre conjunto escultórico: *Eneias, Anquises e Ascânio*, de 1619, entre tantos outros. Eneias traz, assim, para o imaginário das fases da existência humana, a noção de cuidado, de desvelo, tanto pelo indivíduo que diz adeus à sua própria integridade física quanto à criança a quem a debilidade ainda faz companhia. A força e a maleabilidade do homem, no auge de seu vigor físico, colocam-se junto aos extremos da vida.

Tendo em vista que as relações entre infân-

cia e velhice abrem-se para a entrada em cena dos pares – vida e morte – e memória e esquecimento – (aparentemente antitéticos, cada um deles entre si) a proposta deste número da *Revista de Letras* foi a de contemplar variadas representações desses períodos da vida por meio da literatura, particularmente sob o enfoque das pesquisas em Medicina Narrativa, como a definem Rita Charon e Susan Sontag. Literatura e Medicina representariam, igualmente, noções em clivagem, pelo menos a uma primeira visada. Mas tal não ocorre, uma vez que ambas se nutrem de relatos, que evidenciam as falas ou os silêncios – uma sutil forma de eloquência – de eus “que sabem-que-vão-morrer.” Em que medida, então, Literatura e Medicina relacionam-se, revelando narrativas confessionais – escritas de si e do outro? De que maneira os discursos de e sobre as crianças e os velhos tomados de empréstimo à linguagem literária podem ajudar a nos explicar, nós, seres humanos, razão de ser de instâncias aparentemente díspares como arte e ciência?

Os artigos aqui apresentados, calcados, muitas vezes, em experiências de outros tempos vão problematizar questões da sociedade contemporânea, que são as do homem de sempre, valendo-se da percepção da ciência moderna e da arte face a essas faixas etárias.

No texto de abertura deste dossiê temático, intitulado “A tragédia da doença – bases fenomenológicas da medicina narrativa”, Carlos E Pompilio

busca explicar a condição do adoecer, tomando como suporte discursivo o conceito de *unheimlichkeit* (*não-estar-em-casa*), enunciado por Freud. Em consonância com o ensaísta, a referida “condição permitiria ao enfermo, por intermédio da produção de narrativas a partir de seu estado mórbido, criar outros “mundos” e produzir “Eus” redimidos.” Nesse caso, as narrativas significariam para o médico uma possibilidade de aproximação com o “eu” adoecido, uma valorização de sua expressão por meio do raconto, interação essa já em si terapêutica.

A propósito de atos de linguagem, o estudioso cria também uma correlação entre o *unheimlichkeit* freudiano e o conceito de *ostranenie* (desfamiliarização), proposto por Shklovskij, ao se reportar ao discurso literário, também ele capaz de desacomodar de modo positivo o leitor, desalojando-o de sua ordem costumeira e lançando-o no abismo de novas descobertas. O convite à escuta do outro e o convívio com o diferente poderiam nesse caso instaurar uma arte de curar, assim como as palavras, deslocadas pela criação artística, nos ajudam a descobrir os tantos outros que existem dentro de nós.

Em “No extremo da vida (*Nêmesis*): O Homem comum, o Patrimônio e A humilhação”, as questões da fragilidade e da finitude humanas são tratadas por meio das meditações, em forma de narrativa, de Philip Roth. Se em *Homem comum*, o *Patrimônio* e *A humilhação* o escritor trabalha com a noção de finitude, a partir da velhice, em *Nêmesis*, efetua ele um giro na bússola do tempo e vai contemplar os aludidos conceitos correlacio-

nando-os à idade infantil. A busca de um sentido para a própria existência da doença na vida humana, proposta pelos livros em causa, encontram eco, para a autora do texto, nas invectivas a Deus, proferidas por Jó, quando a desgraça se apossa de sua vida. Em contrapartida, o escritor “cáustico, célebre por sua coragem de ficcionalizar temas áridos e difíceis”, tal como a velhice, é colocado em diálogo com outras formas de expressão acerca da experiência humana, a exemplo da Filosofia, mais especificamente por intermédio de Cícero, que dialetiza a discussão, uma vez que defende a tese de que a velhice sábia engrandece o indivíduo, ao invés de tornar derrisória essa etapa da vida.

“Littérature et Médecine: réflexions sur la perte de mémoire dans la démence de type Alzheimer en général, et d’un être cher en particulier”¹, apresenta a proposta de reflexão de Gérard Danou acerca das transformações da vida face à perda da memória. Perder a memória, para o estudioso, é uma situação existencial que conjuga as percepções da Medicina e da Neurobiologia e as ações por elas propostas, com aspectos ligados à noção do “eu” que experimenta um maior ou menor desligamento do mundo. E quando esse “eu” compõe o domínio dos afetos da pessoa que dele deve cuidar? Valendo-se dos relatos do escritor Pierre Pachet e da filósofa Cathérine Malabou, o articulista ressalta a importância da proximidade do “outro”, junto à pessoa acometida de Alzheimer, por meio da comunicação verbal e sensorial, no sentido de “manter os vínculos e os farrapos de subjetividade”. E,

¹ O presente texto vem aqui apresentado também na versão em Português.

assim: “Afirmar a vida, contra as forças da morte.” Mesmo reconhecendo uma performance de alta voltagem dramática nessa forma de degeneração: desconhecer-se a si próprio e aos outros inclusive os outrora muito próximos, Danou dialetiza o problema promovendo a importância de o cuidador valorizar os pequenos gestos do paciente – tênues liames com o mundo, tênues, porém preciosos, porque índices de vida.

Em “Até quando os cegos continuarão sonhando?”, Jacques Fux propõe um entrelaçamento entre as idades pelo viés geracional, trazendo também à superfície do texto, as ambiguidades do dizer. O ponto de partida é um suporte peculiar à coleta de registros do espaço da intimidade, no caso o diário, mais especificamente, o de “uma jovem sobrevivente de Auschwitz – Lili Jaffe, que antes de querer revirar a memória e o sentido das coisas, busca somente ‘mostrar’ à sua filha o que aconteceu com ela, sem muito sentimentalismo”, numa dicção que busca a verossimilhança. Da escrita à leitura, o passo seguinte é verificar como os dados da existência materna foram interpretados pela filha, e aqui a narrativa se apresenta como um jardim de caminhos que se bifurcam. Como ler a dor do outro, se esse outro a escamoteia? Para Noemi Jaffe, trata-se de uma experiência sofrida, cujo relato traz a neblina das “limitações da representação da Shoah”. Fechando o ciclo geracional, Leda Cartum, filha da autora, revive sua visita a Auschwitz, embaralha os feixes de lembranças ao escrever sobre o diário de sua avó, e atualiza o tema da Shoah, na contemporaneidade. Ao desar-

quidar suas recordações de Auschwitz, Lili Jaffe dá oportunidade a que o articulista leve o leitor ao emaranhado das nuances presente nas narrativas de índole pessoal, nas quais patentemente se rastreia a História.

Nesse rol de escritores que se debruçam sobre as idades-limite do ser humano, Cecília Meireles é apreciada através de uma personagem criança, Josefina, cujo relato da morte chega ao leitor por intermédio das impressões de uma outra criança, que exerce o papel de narradora no conto. O sentimento da narradora, apoia-se, de uma maneira geral, no aturdimento com relação ao comportamento dos adultos, que criam uma teatralização sobre o morrer, objetivando banir a dor da vivência infantil, quando, na verdade, o depoimento da menina se concentra numa frase cruelmente cabal, emblema de sua consciência sobre o não mais existir de Josefina: “Mas eu já tinha sofrido tudo.” O texto revela, ainda, entre outros aspectos, um rito particular da personagem – amarrar raminhos de flores – a que o eu infantil se devota, como que numa suspensão do tempo material. A opção por enterrá-la enfeitada com adereços do mundo adulto – privando-a de seus próprios raminhos, vale como um desconhecimento da infância, como se a menina, mesmo depois de morta, fosse destituída de sua identidade. O fosso que se cava entre as idades, ao longo do texto, aprofunda-se com esse gesto final.

Em seu artigo, “A narração do médico em “Corpo fechado” de Guimarães Rosa: razão e encantamento”, Maria Carolina de Godoy problema-

tiza a representação da Medicina pela Literatura, ao colocar em confronto as noções de ciência e magia. Segundo ela, ao efetuar a análise do aludido conto, um dos que compõem *Sagarana*, intenta ressaltar “a importância da narração de um médico que contribui para a ambiguidade da crença na eficácia da magia, episódio central da história”.

A história se passa em Laginha, um lugar em que a vida das pessoas é repassada pelo crivo da imaginação, do insólito, o que naturalmente dá margem a relatos que se apoderam da fantasia dos ouvintes, inclusive pela força impressiva da imagem de valentões e curandeiros. Por outro lado, o médico, embora ele mesmo, tomado pela magia que emana daquela atmosfera, olha e ouve tudo com as lentes e a audição da lucidez, o que traz para o relato um movimento de oscilação, afinal de contas, “tudo é e não é”.

Amparando-se em importantes conceituações da Teoria da Narrativa, como muitas propostas por Gérard Genette, a estudiosa deixa implícitas questões ligadas à Medicina e à Literatura como as anunciadas no título de seu trabalho: razão e encantamento. Guimarães Rosa, ele mesmo médico, e às vezes tradutor dessa prática, por meio da Literatura, não se eximiu de acolher o sortilégio como algo que pudesse levar a situações concretas como a cura dos males do corpo e da alma. Se as histórias reais e inventadas se capilarizam em versões, assim os poderes mágicos das crenças e também o das ciências não representam estradas paralelas na vida humana e sim caminhos “torcicolosos”, como o é a história do “homem humano”.

A infância, inserida no quadro mais amplo das idades da vida, apresenta-se como peça significativa do ponto de vista cultural, desde tempos remotos, figurando como tópos narrativo e biográfico na Antiguidade Clássica. Essa é a tônica do trabalho desenvolvido por Pedro Ipiranga Júnior. O autor toma para fundamentação de sua premissa textos da importância dos diálogos platônicos, a exemplo de *A República* e *As leis* e ainda a *Ciropedia*, de Xenofonte. A preocupação do filósofo grego com a perfeita formação dos cidadãos da pólis levou-o à criação de uma sociedade calcada em ideais, em cuja base está a formação para crianças e jovens, preceito seguro para a adequada administração da comunidade política. De acordo com o pesquisador, “Os *mythoi*, as narrativas fictícias, que se contam às crianças devem passar pelo crivo do filósofo, devem ser avaliados sob o ponto de vista ético e gnosiológico, pois dizem respeito, em último grau, às virtudes ou vícios que os cidadãos adultos possuem em sua *psykhé*, em um nível de consciência, ao mesmo tempo, espiritual, anímico e intelectual.”

Colocada no centro das discussões na Grécia antiga, como se fosse a “alma” da pólis, a criança marca a importância da infância para o projeto político platônico e o presente artigo induz-nos a pensar em que medida essa idade da vida vem sendo dimensionada no mundo contemporâneo.

No artigo, “As Estações do eu: infância, velhice e memória na poesia de Jäder de Carvalho”, Sarah Diva da Silva Ipiranga e Sávio Alencar de Lima Lopes especulam até que ponto, em um homem, podem-se apresentar as “rasuras do pas-

sado”. Embora a velhice traga certa opacidade à memória, uma clareira é preservada: e é por ela que brotam, do ontem, as lembranças da infância, que num movimento duplo passam a nutrir os “agora” do poeta – a criação literária em si mesma. O texto ressalta também a curiosidade de ser o “sentimento memorialista” uma tônica na escritura de Jäder Carvalho, embora esse traço imanente a seu trabalho não tenha recebido da crítica uma atenção particular. Neste estudo, o leitor encontrará parâmetros bem diferenciados para grifar as duas idades em Jäder; o sertão da infância, a paisagem natural, e, na velhice, esse mesmo sertão passa por um processo de metamorfose, tornando-se paisagem da saudade – momento em que os elos entre infância e velhice apresentam-se nítidos, num desenho em que os tempos antipodais da cronologia se superpõem.

A Literatura, em sua potência de subversão em relação ao mundo, é perfeitamente observável em “Velhice feminina: a sexualidade reconfigurada no espaço narrativo”, por intermédio do tratamento que é oferecido ao conto “Boa noite, Maria”, de Lygia Fagundes Telles. Se os hábitos da cultura ocidental, abstraem a mulher idosa da esfera desejante, colocando-a quase como pária social, na medida em que a velhice, com seu cortejo de sinais físicos, associa-se à decrepitude, e não mais ao vigor e frescor da juventude, a narrativa se encarrega de inverter os vértices dessa equação pré-concebida, fazendo a protagonista se relacionar com um parceiro jovem, o qual relativiza a noção de padrão estético, e é levado a perceber

outra forma de beleza na mulher, malgrado as concepções arraigadas no imaginário social. No artigo em foco, Susana Moreira de Lima discute, igualmente, por meio da protagonista do relato, uma questão bastante próxima das preocupações da Medicina Narrativa, no caso, a eutanásia. Contrariando o estereótipo da incapacidade, a senhora da história faz do parceiro o instrumento para que ela prepare sua própria cena final, “colocando em debate o quanto as mulheres velhas podem optar por se iludirem ou se conscientizarem; por terem prazer ou sofrerem; por desejarem o improvável ou serem felizes; por viverem ou morrerem; enfim, por fazerem escolhas”.

Como a infância e a velhice vêm sendo e são vistas, ouvidas, narradas, auscultadas, pela Literatura, pela Medicina, e pela Medicina Narrativa, que procura eliminar a distância entre arte e ciência, buscando entrever ficções nos relatos factuais dos pacientes, esse foi o propósito deste número da *Revista de Letras*. Embora infância e velhice estejam afastadas cronologicamente, possuem elas em comum tantas características, tais como a fragilidade, a necessidade de zelo, essas as mais evidentes. Mas elas também podem intercambiar papéis, desde que nos entreguemos com refinamento a essa percepção: basta lembrar a sabedoria das crianças, que, como o velho, podem nos presentear com formulações que nos auxiliam na decifração do mundo, em outras palavras, lições sobre a empolgante e complexa arte de viver nossas próprias odisséias.

As organizadoras.

